

**Rádio Jovem Pan e a redução da maioridade penal:
reverberações e ressignificações**

*Jovem Pan Radio and reducing legal age:
reverberation and resignification*

Kamilla AVELAR¹

Resumo

É objetivo dessa artigo analisar como um microacontecimento que discutia a redução maioridade penal no programa Pânico na Rádio, da emissora Jovem Pan, reverberou no You Tube, por meio dos comentários dos ouvintes na rede social. As discussões entre o apresentador Emílio Surita e a jornalista convidada, Rachel Sheherazade, no dia 15 de abril de 2015, provocaram reações diversas, ressignificando os comentários dos apresentadores sob a ótica individual. Os resultados da pesquisa exploratória apontam para a emergência do sistema de resposta social, proposto por Braga (2006), que produz atividades de respostas diferidas e difusas oriundas da interação social e midiática.

Palavras-chave: Microacontecimento. Reverberação. Ressignificação.

Abstract

The aim of this article is to analyze as a micro event witch discusses red reducing legal age in the program Pânico na Rádio, of Jovem Pan's station reverberated on You Tube through the comments from listeners on the social network. The discussions between the presenter Emílio Surita and the invited journalist, Rachel Sheherazade, on April 15, 2015, provoked mixed reactions, giving new meaning to the comments of the presenters in the individual perspective. The results of exploratory research point to the emergence of social response system proposed by Braga (2006), which produces activities deferred and diffuse responses arising from social interaction and media.

Keywords: Micro event. Jovem Pan. Legal Age. Reverberation. Resignification.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor). Bolsista da FAPEMIG. Email: kamilla_avelar@yahoo.com.br

Introdução

As transformações que o rádio viveu em quase cem anos de história estão vinculadas a aspectos sociais, tecnológicos, jurídicos e econômicos. O desenvolvimento da tecnologia transformou a vida em sociedade, modificando rotinas produtivas e as formas de relacionamento, estreitando os limites entre emissor e receptor.

Algumas mudanças trazidas pela tecnologia foram discutidas, nos anos 60, pelo canadense Herbert Marshall McLuhan. O filósofo preconizou a transformação do mundo em uma “aldeia global” pelo desenvolvimento da técnica. A justificativa para a criação do termo se deve à crença de que o mundo relativizaria as barreiras físicas, culturais e étnicas, o que acarretaria alterações permanentes nas relações sociais. “A aceleração e a ruptura são os principais fatores do impacto dos meios sobre as formas sociais existentes. Hoje a aceleração tende a ser total, dando fim ao espaço como fator principal das disposições sociais”. (MCLUHAN, 1974, p. 114).

Neste cenário, o surgimento da web aliado à internet e às ferramentas interativas foi transformando a comunicação que, aos poucos, começou a fluir de forma mais horizontal que vertical. A circulação do fato, do acontecimento, do microacontecimento não passa mais despercebida e é crescente a manifestação dos internautas por meio das redes sociais e pelos demais canais de comunicação da World Wild Web (WWW).

As redes de informação são interconectadas diminuindo distâncias físicas e alcançando milhões de internautas. O rádio, primeiro meio de comunicação eletrônico do mundo, não só se adaptou ao cenário online, como foi positivamente afetado pelas mudanças trazidas pela tecnologia. O rádio migrou e as emissoras hertzianas disponibilizam conteúdo online, imagem, vídeo, *chats*, além de disponibilizar seus programas também nas redes sociais. Assim, mesmo com seus quase cem anos de existência, o rádio por meio de um microacontecimento, é capaz de reverberar parte do pensamento social.

Dessa forma, a partir da pesquisa exploratória, esse artigo pretende analisar os três comentários mais curtidos na rede social You Tube, após a discussão sobre a redução da maioria penal travada entre o apresentador do programa Pânico no Rádio, Emílio Sunita e a jornalista âncora do Jornal da Manhã da Jovem Pan, Rachel

Sheherazade. O You Tube foi escolhido, pois a Jovem Pan disponibilizou o programa na íntegra no canal da emissora. A análise se propõe a compreender como se dá a circulação do microacontecimento no meio cibernético e como o processo de ressignificação é processado.

Acontecimento e circulação na Jovem Pan

Entre 1927 a 1932, Bertold Brecht, dramaturgo, poeta e teórico alemão, publicou o texto: O rádio uma descoberta antediluviana? Em sua análise o rádio surgia como uma nova tecnologia, mas que para se tornar um meio de comunicação inovador, deveria ser democrático e não um mero transmissor/repetidor de acontecimentos. “Desejo que essa burguesia, além de ter inventado o rádio, invente uma outra coisa, um invento que torne possível estabelecer de uma vez por todas, o que se pode transmitir pelo rádio” (p. 36).

Brecht defendia que o rádio fosse colocado à disposição da população assumindo uma função social, em um movimento de dupla de direção em que emissor e receptor pudessem se comunicar de maneira circular. Zuculoto (2005), ao analisar o texto do dramaturgo, afirma que o pensamento do autor, mesmo que mais de 80 anos tenham passado, é atual e permeia às discussões contemporâneas. “O rádio tem, hoje, a possibilidade sempre maior de ser meio de expressão, se explorar e adaptar seus novos recursos técnicos, de linguagem e de conteúdo às novas tecnologias e aos novos tempos da humanidade” (p. 53). A autora afirma ainda que para se entender o pensamento do dramaturgo, não só a interatividade deve ser considerada, mas a comunicação precisa ser submetida ao controle público para que possa registrar as verdadeiras necessidades sociais.

Rüdiger (2010) ao refletir sobre as teorias da comunicação entende que o desenvolvimento da área só começou a partir de 1900. Entretanto, em 1932, Brecht já havia preconizado o anseio por um modelo de radiodifusão que abrangesse a comunicação em sua totalidade proporcionando o diálogo entre emissor e receptor:

O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de comunicação. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele (BRECHT, 1932, p. 42).

Ainda de acordo com Rüdiger (2010) a comunicação só começa a ganhar importância social a partir do surgimento e impacto trazidos pela tecnologia. O autor aponta que com o desenvolvimento dos novos meios de comunicação ocorreram transformações dos canais de transmissão. No mesmo sentido, França (2002) afirma que o modelo de comunicação do telégrafo era utilizado para representar o funcionamento da transmissão de informação na sociedade até pouco tempo atrás:

Do paradigma informacional de Shannon e Weaver (1948), passando por vários outros modelos e metáforas – modelo telegráfico, modelo da agulha hipodérmica, a pergunta – definição de H. Lasswell, a comunicação em duas etapas de P. Lazarsfeld, - a comunicação veio sendo estudada e compreendida de forma quase hegemônica (...) como um fluxo linear de informação entre um emissor (E) em um receptor (R) (p. 60).

Assim, com a evolução das ideias, da tecnologia, do campo de estudo, da sociedade dentre outros fatores, os modelos de comunicação foram se modificando até serem pensados, contemporaneamente, como redes de informação, com sistema circular aberto. Contemporaneamente, a ideia central de rede nos remete a um universo difícil de ser quantificado, pois se desloca para além dos limites físicos, diminuindo distâncias e aumentando o volume de informação disponível. “Rede, assim, nos remete à forma, à morfologia de um sistema; comunicação em rede, sociedade em rede são expressões para interconectar elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social” (FRANÇA, 2002, p. 59). Já Castells (1999) entende que “a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (p. 497).

Dessa forma, é nesse ambiente virtual, permeado por redes, que a circulação de fatos, informações e acontecimentos se realiza. A sociedade midiaticizada amplia os limites entre emissores e receptores que passam a ser não perfeitamente definidos, pois as relações são mediadas por diversos elementos que circulam em diferentes suportes e plataformas. A ideia que se tem de comunicação acaba por ser ampliada ultrapassando o entendimento de emissor/receptor (FRANÇA, 2002).

De acordo com essa nova perspectiva, a circular, Braga (2006) pensa a abrangência dos processos midiáticos para além da ideia reducionista de produção e de recepção propondo um terceiro sistema de processos midiáticos. A saber:

Esse terceiro sistema corresponde a *atividades de resposta* produtiva e direcionada da sociedade em interação com os produtos midiáticos. Denominamos esse terceiro componente da processualidade midiática “sistema de interação social sobre a mídia” ou, mais sinteticamente, “sistema de resposta social”. Certamente, não se pretende atribuir ao sistema as características de “interatividade” tal como tem sido formuladas em relação às redes informáticas. Diversamente, trata-se (em geral e com maior frequência) de respostas diferidas e difusas (p. 22).

Sendo assim, Braga (2006) entende o sistema de interação social a partir da perspectiva da produção de sentido midiático que, circula, e chega à sociedade atingindo diferentes públicos com ideias e motivações formadoras, parcialmente, da cultura coletiva. O autor explica ainda que “o *sistema de circulação interacional* é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (p. 28). Dessa forma, o importante é encontrar uma resposta da sociedade para com os produtos trazidos pela mídia. Pois são as respostas dos consumidores que interessam, assim como a dinâmica gerada pelo compartilhamento social e não a interatividade pela interatividade (BRAGA, 2006).

Para Fausto Neto (2010) as novas percepções sobre a recepção e a produção midiática emergem devido às novas formas de interação e de transformações ocorridas a partir das inovações nas interfaces. O autor ressalta a importância da circulação para a complexificação das relações produzidas na comunicação:

A circulação deixa de ser um elemento ‘invisível’ ou ‘insondável’ e, é graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos que sua atividade ‘construcionista’ complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos, e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento (p. 55).

Fausto Neto (2010) nomeia a circulação como dispositivo “em que se realiza trabalho de negociação e de apropriações de sentidos, regidos por divergências e, não

por linearidades” (p. 63). Assim, a circulação deixa de ser abstrata e avança para um nível de complexidade.

Dentro do contexto apresentado, faz-se imprescindível apresentar o conceito de acontecimento, que são disseminados no ambiente midiático e adquirem, segundo França (2012), uma segunda vida ao serem difundidos: a dimensão simbólica.

Inicialmente é importante lembrar que um acontecimento acontece *a alguém*; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados (FRANÇA, 2012, p. 13).

Devido à complexidade do conceito e por ser um instrumento mais adequado ao objeto em análise, nesse artigo, trabalharemos com a ideia de *microacontecimento* cunhada por José Manoel dos Santos (2005). Para o autor, os *microacontecimentos* são de certa forma, previsíveis, têm pequena repercussão noticiosa e são referenciais do sistema. Eles se processam em espaços públicos, são inteligíveis e de conhecimento da sociedade podendo atingir repercussão a partir da circulação proporcionada pelos próprios meios de comunicação.

Motivados pelos conceitos expostos acima, esse artigo pretende analisar, a reverberação trazida pelo programa Pânico no Rádio², da Rede Jovem Pan, exibido no dia 15 de abril de 2015, que tinha como tema a redução da maioria penal.

O apresentador Emílio Surita e a jornalista convidada Rachel Sheherazade travaram um embate e a entrevista foi alvo de muitos comentários nas redes sociais, em especial no canal do YouTube, que abriga o programa na íntegra. Neste artigo nos ateremos à análise e observação dos três comentários mais curtidos na rede social, para entender como se deu a reverberação da entrevista na internet. Tal fato se justifica, pois, no primeiro semestre de 2015, época em que a entrevista foi veiculada, o canal contabilizava 150.757 visualizações, o botão *like* foi acionado 2436 e o *Don't like*, 367

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90>. Acesso: 4 de julho de 2015.

vezes. Em adição, 2.221 pessoas escreveram emitindo opiniões sobre a maioria penal e a discussão entre os jornalistas. A figura abaixo ilustra as informações:

Imagem 1: Visualizações e curtidas no You Tube da rádio Jovem Pan



Fonte: Canal You Tube Jovem Pan³

Reverberações a partir do Rádio: Jovem Pan e a discussão sobre a maioria penal

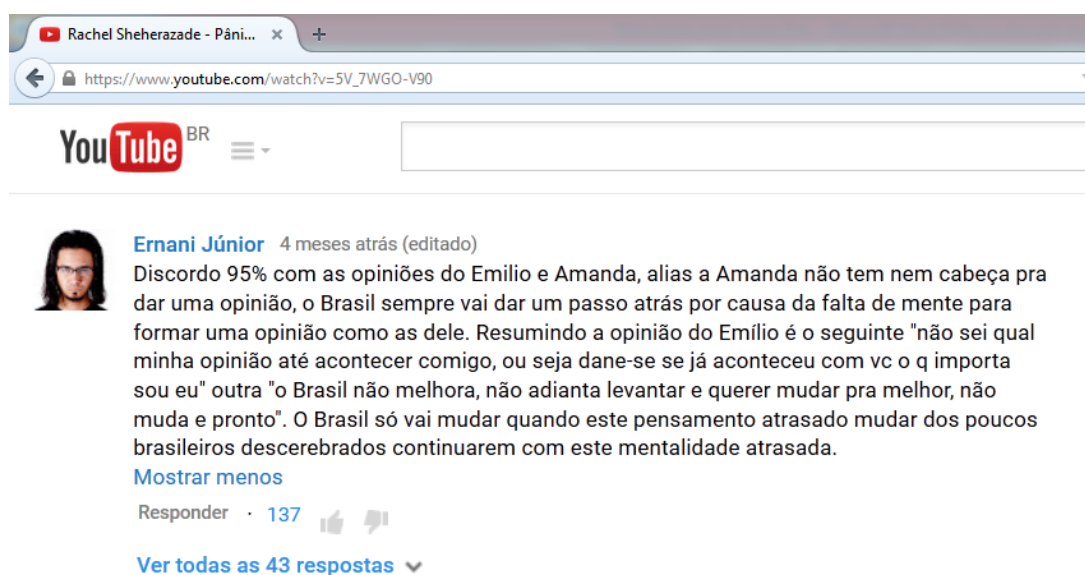
O programa começou com o tom irreverente de sempre e o tom humorístico, característica da emissora Jovem Pan. Todavia, o tema polêmico, desencadeou a discussão acalorada. Durante uma hora e onze minutos, a redução da maioria penal, que ainda não tinha sido votada na época, foi tema de debates entre a equipe da Jovem Pan e a jornalista e âncora do Jornal da Manhã, da mesma emissora, Rachel Sheherazade.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90. Acesso: 4 de julho de 2015.

Guardada à devida distância, registra-se que o fato reverberou em diversos veículos de comunicação, como o Portal da Imprensa⁴, Revista Fórum⁵ e Catraca Livre⁶. Em comum, todos citavam a polêmica em que Surita e Sheherazade se envolveram ao discutir a maioria penal. Todavia, como dito anteriormente, nos ateremos aqui, aos três comentários mais curtidos do You Tube.

O primeiro comentário, com 137 curtidas, revela que o que foi interpretado pelo internauta e o que foi dito pelo apresentador são coisas diferentes. Enquanto o apresentador se posicionava contra a redução da maioria penal devido às poucas oportunidades que o Brasil oferece aos jovens, o *post* no You Tube entendeu que Surita defendia a criminalidade e esperava que uma contravenção penal acontecesse com a família e conhecidos do apresentador para poder se posicionar.

Imagem 2: Comentário mais curtido pelos internautas



Fonte: Canal You tube Jovem Pan⁷

⁴ Disponível em:

<<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/71853/rachel+sheherazade+e+emilio+surita+discutem+na+radio+ao+falar+sobre+maioridade+penal>> Acesso: 20/07/2015.

⁵ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/04/emilio-surita-do-panico-desmoraliza-rachel-sheherazade/>> Acesso: 20/07/2015.

⁶ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/emilio-surita-e-rachel-sheherazade-protagonizam-debate-na-radio/>> Acesso: 21/07/2015.

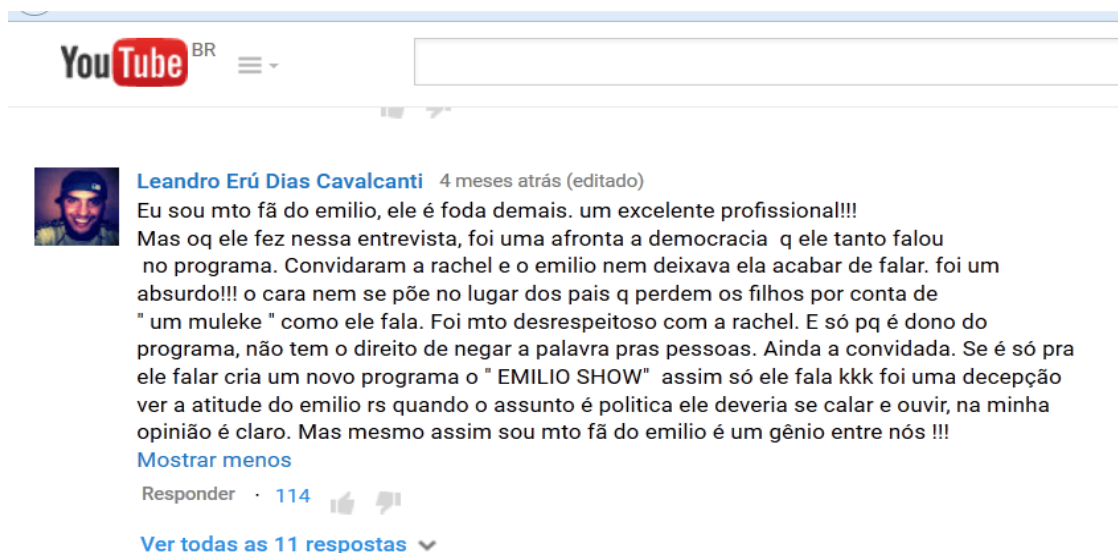
⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90>. Acesso: 4 de julho de 2015.

O *post* ainda critica os formadores de opinião que não querem que o país se desenvolva e são contra qualquer tentativa de melhoria. Todavia, o discurso do apresentador defendia a formação dos jovens em detrimento da prisão:

Vamos pegar um moleque de 16 anos, que ainda não está formado, você era louquinha com seus 16, você faz merda com 16. O cara pego com droga vai pra cadeia. Um cara que nem se formou direito? O adolescente não tem escola, não tem esgoto. O Brasil não tem infra pra gente discutir um negócio muito sofisticado. (...) É complicado botar moleque em cadeia porque eles saem mais bandidos de lá. Tem que dar educação pra esses caras e não trancá-los na cadeia. Por que não se faz um trabalho sério com esses menores infratores? Isso é muito mais lógico do que você chegar e meter em cana (...). Tem que dar escola pra molecada, tem que colocar os caras pra pensar. Vamos ensinar os caras⁸.

O segundo comentário mais curtido referia-se à postura do apresentador, Emílio Surita. De acordo com o ouvinte, o apresentador não deixou a convidada falar. Outro apontamento foi a decepção causada pelo pensamento de Surita que, segundo o internauta, “é um gênio, mas não entende nada de política”.

Imagem 3: Comentário defendendo a jornalista Rachel Sheherazade



Fonte: Canal You tube Jovem Pan⁹

⁸Transcrição do comentário do apresentador, Emílio Surita. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90> 36'30"

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90>. Acesso: 4 de julho de 2015.

Todavia, apesar da discussão e dos pontos de vista diferentes, Sheherazade teve tempo para expressar sua posição favorável à redução da maioria penal e seu pensamento em relação à política:

O Bolsonaro, vamos fazer justiça, ele tem bons projetos, principalmente em relação à criminalidade. Agora, não depende dele a aprovação desses projetos. Por exemplo, ele tem um projeto de castração química de estupradores. Ele tem projeto de aumentar a maioria penal. Mas não depende dele ¹⁰.

Além disso, a jornalista afirmou que os adolescentes no Brasil e na Noruega têm o mesmo tipo de informação e utilizou-se de exemplos extremos conhecidos da sociedade como o assassinato de Liana Friedenbach por Roberto Aparecido Alves Cardoso, o Champinha. No entanto, nem Sheherazade, tampouco os apresentadores do Pânico, citaram o fato de o Champinha estar internado na Unidade Experimental de Saúde, na Vila Mariana, em São Paulo, há nove anos, por ter sido diagnosticado com retardo mental leve e comportamento sociopata¹¹.

Apesar de não ser tema da análise, três colocações se fazem pertinentes: a primeira refere-se à falta de apuração e preparo da equipe do Pânico ao conduzir o programa, problema que poderia ter sido resolvido por uma rápida busca no Google. A segunda tem como foco a postura profissional de Sheherazade que ou não apurou o caso antes de disseminá-lo como exemplo, ou descumpriu os preceitos éticos da profissão ao contar apenas o lado da história que beneficia seus argumentos. Acrescente-se ainda que a informação omitida poderia ter sido esclarecedora para a formação de opinião. O terceiro apontamento refere-se também à postura profissional de Sheherazade que fundamenta suas opiniões a partir de preceitos religiosos e não jornalísticos.

O último comentário aponta a insatisfação com o posicionamento do apresentador e da comentarista do programa, Amanda Ramalho, que discordou das ideias da convidada:

¹⁰ Transcrição do comentário de Rachel Sheherazade. Disponível em: <://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90>17'11”

¹¹ Disponível em:< <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/justica-de-sp-decide-que-champinha-vai-continuar-internado-diz-mp.html>> Acesso: 22 de julho de 2015.

Acho que Rachel é um pouco dura, assim como o Carioca pro lado “bolsonarístico” da vida. Não concordo com muita coisa que ela fala (...). Eu não gosto dos comentários da Sheherazade porque acho um tanto quanto pesado, extremista também. E acho que sem querer ela propaga o ódio. (...) As suas polêmicas, a maioria penal, por exemplo. Você sempre tem um argumento pesado. Eles têm que trabalhar, eles são vagabundos. Ai, o Emílio fala da população carcerária e você não recua, seu modo de pensar é primitivo¹².

Após a exposição do ponto de vista da comentarista, Sheherazade respondeu aos questionamentos: “Eu trago meus argumentos. Eu não trago ódio, e por que eu não trago ódio? Porque eu estou pensando na vítima. Eu trago o amor. Eu me solidarizo com o lado mais fraco que está sendo esquecido pela sociedade¹³”.

O último *post* também acusa a equipe do pânico de utilizar falácias e perguntas tendenciosas, além de dizer que o programa segue uma linha editorial contrária ao que Sheherazade defende. Por fim, o comentário diz que Emílio é um dos maiores comunicadores do Brasil, mas que na entrevista não se saiu bem e fez com que o programa se tornasse desagradável.

¹² Transcrição do comentário de Amanda Ramalho, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90> 28’00”

¹³ Disponível em: <[://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90](https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90)> 27’38”

Imagem 4: Internauta relata que o apresentador tornou o programa desagradável



Fonte: Canal You tube Jovem Pan¹⁴

Considerações finais

Tendo em perspectivas os comentários, é importante observar que os três são a favor da redução da maioria penal e nenhum deles teve desaprovação pelos outros internautas por meio do botão “não gostei”.

Ao pensarmos nas palavras de Braga (2006) que enfatizam a circulação de sentido, nos parece interessante notar o papel da imprensa. Se os comunicadores discutem um fato e os receptores o entendem de forma bastante diferente, ou até mesmo de maneira contrária, o ruído parece maior que a comunicação, o que não causa, necessariamente, uma ruptura, mas sim, um outro entendimento. A ressignificação do que foi dito é o que circula entre pessoas e meios de comunicação e não o fato em si. A

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V_7WGO-V90>. Acesso: 4 de julho de 2015.

esse movimento Braga (2006) chamou de sistema de resposta social, moldado por diversos aspectos sociais, econômicos, midiáticos, etc.

Assim, nos parece que com o desenvolvimento tecnológico, os suportes foram aprimorados, todavia os conteúdos ainda precisam se tornar mais inteligíveis. Por isso, no início do século XX, Bresser (1932) clamava para que a função social do rádio fosse disponibilizada em prol dos anseios da população o que, ainda hoje, não acontece de forma total.

Por fim, não se pode deixar de comentar os discursos de ódio disseminados nas redes sociais e na narrativa do programa. Se por um lado o discurso de Sheherazade é pautado por aspectos religiosos e composto de exemplos extremos, por outro, a jornalista fala com firmeza sendo bem segura na opinião que apresenta. Todavia, o mesmo não se pode dizer da equipe do Pânico que não contra-argumenta as verdades prontas trazidas pela entrevistada.

Assim, ao pensarmos sobre o aspecto da reverberação na rede social You Tube, percebe-se que o rádio é um veículo capaz de provocar reação diversificada nas pessoas. Todavia, a discussão pela discussão não esclarece e nem presta serviço à sociedade, mas, ao contrário, reforça o pensamento sistêmico e dominante que se retroalimenta e reabastece a circulação na mídia.

Referências

BRECHT, Bertolt. Teoria do Rádio (1927-1932) *In* MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005, p.35-45.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

EMÍLIO SURITA, DO PÂNICO, DESMORALIZA RACHEL SHEHERAZADE Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/04/emilio-surita-do-panico-desmoraliza-rachel-sheherazade/>> Acesso: 20/07/2015.

FAUSTO, NETO. Antônio. As bordas da circulação. **ALCEU** – v.10 – n.20 – p.55 a 69 – jan./jun. 2010.

FRANÇA, Vera. “Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e apreensão da comunicação”, de, José Luiz Adair (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p.57-76.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 24, p.10-21, dez. 2012.

JUSTIÇA DE SP DECIDE QUE CHAMPINHA VAI CONTINUAR INTERNADO, DIZ MP Disponível em:< <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/justica-de-sp-decide-que-champinha-vai-continuar-internado-diz-mp.html>> Acesso: 22 de julho de 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

RACHEL SHEHERAZADE E EMÍLIO SURITA DISCUTEM NA RÁDIO AO FALAR SOBRE MAIORIDADE PENAL Disponível em: <<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/71853/rachel+sheherazade+e+emilio+surita+discutem+na+radio+ao+falar+sobre+maioridade+penal>> Acesso: 20/07/2015

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: ArtMed, 2010, 150p.

SANTOS. José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega) acontecimentos. **Trajectos** – Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Lisboa, nº 6, 2005.

ZUCULOTO, Valci. Teoria do Rádio (1927-1932) *In* MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 47-58.